

O MUNDO EM RETÂNGULOS DE PAPEL

José Carlos Daltozo (*)

A primeira vista são simples retângulos de papel, na maioria das vezes colorido, mas muitos também em preto e branco. Com mais de um século de idade, exatamente 129 anos de uma vida muito atribulada, eles são conhecidos no mundo todo, desde Anchorage, no Alasca, a Punta Arenas, no sul do Chile. Ou de Oslo, na Noruega, a Adelaide, na Austrália.

Estamos falando do cartão-postal, essa invenção singela que nasceu em 1.869, idealizada pelo professor Emmanuel Hermann, na Áustria. Em poucos anos se espalhou pelo mundo, chegando ao Brasil em 1.880. No início não continha desenhos ou fotos, eram simples cartolinhas onde se podia escrever a mensagem a descoberto, ou seja, sem a utilização do envelope. Excelente veículo para mensagens curtas, pequenas notícias, boas lembranças e pequenos avisos. Nasceu praticamente na mesma época do telefone e, como este era raro e caro, passou a ser o meio mais simples e eficiente de comunicação entre as pessoas.

Alguns anos depois, quando começou a mostrar, numa das faces, desenhos ou fotografias, sua popularidade aumentou e passou a ser objeto de colecionismo. A época áurea do cartão-postal foi no início do século XX, de 1.900 a 1.930. Hoje ele continua muito utilizado como meio de propagar fotos de cidades, belas paisagens, igrejas, praias e empreendimentos turísticos os mais variados. Antigos ou modernos, constituem valioso recurso para os pesquisadores de história, geografia, artes, arquitetura, meios de transporte, modo de vida, usos e costumes de povos e países. Esses simples retângulos de papel são, portanto, instrumento de preservação da memória dos homens e da vida na Terra. Uma coleção de postais é uma verdadeira janela para o mundo. Além disso é uma excelente terapia para o atribulado homem moderno, ajudando-o a combater o stress da vida moderna. Uma espécie de fuga, uma viagem sem passaporte, sem mala pesada, sem a confusão de aeroportos e rodoviárias.

Também pode ser objeto de estudo sociológico, como o realizado pelo escritor pernambucano Gilberto Freyre. No seu livro "Alhos e Bugalhos", ele dedicou 16 páginas a um ensaio sobre o cartão-postal do início do século na Amazônia. Mais especificamente sobre os postais remetidos daquela região para Portugal.

Tudo começou quando ele visitava a Feira da Ladra, em Lisboa, e encontrou vários postais à venda numa barraquinha de antiguidades. Mostravam a Amazônia brasileira na época áurea da borracha. Sua atenção foi despertada, além das paisagens que não mais existiam, pelo conteúdo sociológico das mensagens escritas no verso. Ou seja, os imigrantes portugueses que vieram fazer a América, escrevendo para seus patrícios sobre a aventura no Inferno Verde.

Freyre, sem ser colecionador, passou a admirador do cartão-postal. O colecionador, na maioria das vezes, está à procura do aspecto pictórico, do interesse histórico de

um postal. Mas para o sociólogo interessava mais o que pensava o imigrante no começo do século XX, "vivendo no meio amazônico, no calor tropical, uma aventura em ambiente tão diverso do rotineiramente europeu de suas aldeias minhotas, ou do Porto, ou de Lisboa".

Nos Postais esses imigrantes descreviam o que encontraram nas terras amazônicas, as árvores gigantescas, os rios infundáveis, as belezas dos Teatros de Manaus e Belém, o movimento dos portos e até, num deles, o remetente exaltava a maravilha do banho diário e o uso do chuveiro, ainda pouco conhecido nas províncias portuguesas no início do século.

Gilberto Freyre finaliza seu trabalho dizendo que "dos postais que consegui juntar para uma pequena análise, as informações conservadas nesses veículos simples e até frívolos e brejeiros de comunicação, não consta nenhum que confessasse fracassos. Ou contasse lamúrias e decepções. Isso não quer dizer que tais fatos não tenham ocorrido com os imigrantes portugueses, mas como o cartão-postal é algo festivo, colorido, lúdico, há uma incompatibilidade do seu uso para mensagens negativas. Todos os que se dispunham a comprar postais e escrever para seus parentes, o faziam com a euforia do triunfador".

José Carlos Daltozo é colecionador de cartões postais, tem mais de 60.000 do mundo todo em seu acervo e aceita doações. Caixa Postal 117- 19500-000. Martinópolis- SP.

Publicidade

CLEBER JOSÉ COIMBRA

Cédulas Nacionais e Estrangeiras, Cartões telefônicos do Brasil e exterior...

...novos e usados.

(Compra, vende- Coleciona)

Fax (061) 347-6193

Fone : (0..61) 272-3812 (noite)

**SON 315- Bloco A, apto. 305
70774-010- Brasília, DF**

ANEXO
X 8930.000
Postais